

margem entre o nível no qual a informação é excessiva e, portanto, impossível de manejar, e aquele no qual a informação é demasiado pobre, e, portanto, irrelevante, é crítica a ponto de ler-se: Contudo, com o objetivo de expor os nossos argumentos para pensar nossos modelos, temos de reconhecer e permanecer precisamente nessa margem.

Não será escusado ao leitor que uma formulação tal como "a natureza sistêmica de todo conjunto está determinada e é reconstruída pela natureza padronizada das relações entre seus componentes" é abstrata e totalmente inespecífica. Mas, como especificar seus componentes, definir seus atributos, determinar suas relações, estabelecer as fronteiras desses conjuntos? Ou, talvez, mais apropriadamente, *quem* realiza essas operações, quem especifica, define, determina, estabelece? A escolha da unidade de análise e de todas essas operações é *prerrogativa do observador* e não característica inerente do observado. Por meio das operações de definir o conjunto significativo de componentes, relações e atributos, o observador define o domínio e a pertinência, e, portanto, estabelece as fronteiras de um sistema de que um certo observável faz parte (e, certamente, por meio dessa operação, o *observador se insere no sistema*).

O foco deste livro, as redes sociais, não constitui uma exceção: requer um empobrecimento e uma utilização seletiva de certas variáveis às custas de outras que pertencem a sistemas supra-ordenados (mas como os processos sociais mais amplos) e a sistemas subordinados (mas como o indivíduo-enquanto-sistema). Essa seleção é operacional e será especificada no capítulo 2. Seu recorte deriva da necessidade de definir, expandir e refinar esse nível de análise e explorar exaustivamente o poder de sua aplicação clínica, o que, por certo, merece ser feito com diferentes níveis sistêmicos. Ao mesmo tempo, manterei, assim espero, uma visão de vários níveis simultâneos que nos lembra a cada tanto as múltiplas variáveis além e aquém da rede social que constantemente afetam e são afetadas pela dinâmica de rede. E quando não o fizer, rogo ao leitor que o faça por mim... e por ele ou ela mesmo/a.

A Rede Social: Proposições Gerais

2

O construto ou pressuposto conceitual de "rede social pessoal" ou "rede social significativa" vincula a óptica sistêmica utilizada pela terapia familiar às vicissitudes do meio micros social. Em ressonância com a proposta de Gregory Bateson de que as fronteiras do indivíduo não estão limitadas por sua pele mas incluem tudo aquilo com que o sujeito interage — família, meio físico, etc. — podemos acrescentar que as fronteiras do sistema significativo do indivíduo não se limitam à família nuclear ou extensa, mas incluem todo o conjunto de vínculos interpessoais do sujeito: família, amigos, relações de trabalho, de estudo, de inserção comunitária e de práticas sociais. Esse nível intermediário da estrutura social se revela crítico para uma compreensão mais ampla dos processos de integração psicossocial, de promoção do bem-estar, de desenvolvimento da identidade e de consolidação dos potenciais de mudança. E, conseqüentemente, também ilumina os processos psicossociais de desintegração, de mal-estar e de adoecer, de transtornos da identidade, e de perturbação dos processos de adaptação construtiva e de mudança. Constitui assim uma instância necessária para poder desenvolver um trabalho clínico no campo da saúde mental, mantendo uma óptica eco-sistêmica respeitável.

Tal como foi discutido no prólogo, vale a pena lembrar que a decisão acerca de *em que lugar fazer a família* da rede social significativa (em outras palavras, a definição operacional de "significativa") é, em certa medida, arbitrária, e se realiza por razões mais práticas do que conceituais, ou seja, para não nos perdermos na intensidade da rede macrocossológica da espécie-em-contexto. Esse nível de processos é intuitivamente especificável por aquele que informa ou observa consigo e/ou com os outros, sem muita dificuldade de que, para mim, terá um

impacto muito diferente uma vicissitude perturbadora – um acidente de trânsito, por exemplo – se este tiver ocorrido com minha mãe, com meu melhor amigo, com um companheiro de trabalho, com o jornalista da esquina, ou com um companheiro que cruzava distúrbio uma rua de Lima (mesmo quando a teoria do caos nos lembra que toda perturbação tem efeitos imprevisíveis: considere o efeito que teria esse companheiro hipotético na sua vida se você tiver o pézigo costume de ler enquanto anda pela rua, e salvar lendo precisamente essa frase enquanto desse campo, neste livro, no atravessar distúrbio um cruzamento, e ser atropelado por um carro). Por meio de uma indagação apropriada é possível discriminar entre a micro-rede social pessoal (entre *minha* rede social e a rede social que a sua, ou a do sujeito ou subgrupo que designamos como quem desceve) e a rede “macro” que inclui a comunidade de que fazemos parte, nossa sociedade, nossa espécie e nossa ecologia. Para sublinhar a natureza arbitrária dessa fronteira basta recordar que os paradigmas de rede são também utilizados para implementar ações educativas e comunitárias, mobilizando redes sociais muito mais vastas, o que constitui o selo distintivo de trabalhos pioneiros no que Elinor Dabas e sua equipe (Dabas, 1993) chamam apropriadamente, “rede de redes”. A complexidade de um traçado inclusivo dos sistemas de rede social é esboçada na *figura 1*, por sua vez uma simplificação que as constatações interpeneção (da mesma maneira que as constatações simplificam a enorme complexidade do mapa estelar).

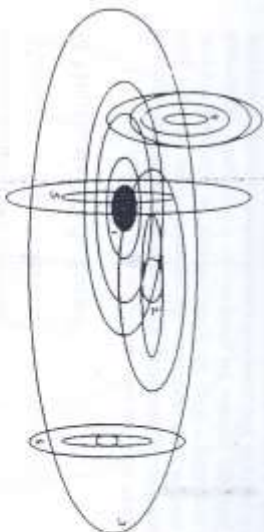


Figura 1: Sistema de redes

1. A rede social pessoal, com o informante no centro, e seus círculos concêntricos de relações com intensidade e intimidade decrescente.
 2. Uma das muitas redes de que o indivíduo é membro da rede do informante.
 3. Uma das muitas redes supra-individuais às quais membros individuais pertencem sem se conhecerem entre si (rede de todas as pessoas que frequentam a mesma paróquia de uma mesma igreja, ou membros de um mesmo clube, ou alunos de uma mesma escola, ou membros de uma mesma minoria).
 4. Uma das muitas redes das quais o indivíduo não é membro, mesmo se alguns membros de sua rede o são.
 5. Uma das muitas redes das quais o indivíduo é membro, mas poucos ou nenhum dos outros membros de sua rede o são.
 6. Uma das muitas redes de que nem o indivíduo nem outros membros de sua rede fazem parte, mas cujas vicissitudes podem afetar indiretamente a rede do indivíduo.
- O conceito de rede social foi desenvolvido e refinado de maneira acumulativa mas dependente por uma série de autores. Entre eles, merecem ser citados Kurt Lewin (1952), cuja teoria do campo inclui explicitamente variações centradas nas relações

sociais informais. Jacob L. Moreno (1951), o criador do psicodrama, desenvolveu o conceito de psicologia geográfica e uma técnica sociométrica, o sociograma, para esboçar um mapa da rede de relações - do tipo de "quem conhece quem" - em grupos e em comunidades. O antropólogo social norte-americano John Barnes (1954, 1972) realizou um estudo pioneiro acerca de redes informais e formais, familiares e extra-familiares, na vida diária de um vilarejo isolado de pescadores na Noruega, que pôs em evidência a importância das relações sociais extra-familiares na vida cotidiana. Elisabeth Bort (1957), por sua vez, realizou na Inglaterra um estudo sobre as práticas externas de famílias urbanas, e durante esse processo desenvolveu metodologias pioneiras para analisar as práticas de interação informal da rede familiar externa, diferenciando a composição da rede (aspectos tais como a porcentagem da rede que está constituída pela família ou que pertence à mesma religião, a distância geográfica entre o informante e os membros significativos de sua rede, etc.), a estrutura da rede (tempo tais como densidade, agrupamento em sub-redes ou conjuntos, etc.) e os conteúdos das interações (aspectos tais como o apoio que oferecem, a informação prática, os conselhos, etc.). Erich Lindemann (1979), o criador da "teoria de crise" ressaltou em seus escritos a posição central da rede social pessoal - familiar e extra-familiar - de um indivíduo na co-determinação dos efeitos a curto e a longo prazo em uma situação de crise. Finalmente, Ross Speck e Carolyn Attnavey (1975, ver também Speck, 1987), trabalhando originariamente nas próprias comunidades comunitárias nas quais Speck vivia, assim como Lig Baveant (1979), aplicaram essas noções de maneira pioneira ao combinar em reuniões terapêuticas a família externa com a rede informal de relações, para o manejo de pacientes em crise.

O grau de visibilidade da linguagem de "rede social" e a atenção que lhe foi prestada em termos de práticas clínicas no campo da saúde mental em geral, e no da terapia familiar em particular, foram dramaticamente no curso dos últimos trinta anos. Assim, o modelo de rede teve um lugar central inicial honroso com a publicação dos trabalhos acima mencionados de Speck e Attnavey, um ressonância com a ideologia e as práticas do movimento de saúde mental comunitária. Contudo,

com o aumento da especialização territorial do campo da terapia familiar e com a involução progressiva dos projetos de psiquiatria comunitária, esses modelos perderam visibilidade. Isso se expressou numa redução notória das contribuições sobre rede social no conjunto crescente de publicações profissionais sobre terapia familiar e sobre saúde mental. Houve um esforço fraco de revitalização, por parte dos seguidores do modelo, por meio da criação de algumas revistas destinadas aos trabalhos sobre rede, mas essas publicações desapareceram em pouco tempo, vítimas da baixa demanda temática especializada, algo bastante razoável considerando-se que as terapias de rede não são intervenções exclusivas mas inclusivas. Contudo, em épocas recentes, ocorreu um certo renascimento do interesse nesse tema em diversas partes do mundo, incluindo publicações na Suécia (Klefsjöck et al., 1986), Holanda (Barts et al., 1990), Bélgica (Elham, 1987), Estados Unidos (Anderson e Carter, 1990; Plisk e Hiller-Parks, 1986; Whitaker e Garbano, 1983) e Argentina (Dahps, *op. cit.*). A essa listagem merecem ser acrescentadas as estratégias "maior" desenvolvidas, atualmente na comunidade de Nova Iorque por Salvador Minuchin e sua equipe para transformar os processos e os objetivos de agências de serviços sociais públicas de proteção ao menor, experiência que será publicada num futuro próximo (cf. também Frie, 1993), assim como muitos experimentos terapêuticos que ocorrem, quase em segredo para não incomodar o "establishment" psiquiátrico, em serviços de psiquiatria, saúde mental e trabalho social em muitas partes do mundo.

O Modelo da "Rede Social"

Os contextos culturais e subculturais em que estamos inseridos, os contextos históricos, políticos, econômicos, religiosos, de meio-ambiente, de existência ou carência de recursos públicos, de desenvolvimento de uma região, país ou hemisfério, sustentam e fazem parte do *mapa social* da rede individual. Em um nível mais microscópico, por sua vez, a *rede social* pode ser definida como a soma de todas as relações

que um indivíduo percebe como significativas ou define como diferenciais da massa anônima da sociedade. Essa rede corresponde ao núcleo interpessoal da pessoa e contribui substancialmente para seu próprio reconhecimento como indivíduo e para sua auto-imagem. Constitui uma das chaves centrais da experiência individual de identidade, bem-estar, competência e agenciamento ou autoria, incluindo os hábitos de cuidado da saúde e a capacidade de adaptação em uma crise (Sluzki, 1979; Steinmetz, 1988).

A rede social pessoal pode ser registrada em forma de *mapa mínimo* que inclui todos os indivíduos com quem interage uma determinada pessoa. O mapa pode ser sistematizado em quatro *quadrantes*, quais sejam:

- família,
- amizades,
- relações de trabalho ou escolares (companheiros de trabalho ou de estudo), e
- relações comunitárias, de serviço (por exemplo, serviços de saúde) ou de credo.

Sobre esses quadrantes inscrevem-se três áreas, a saber:

- um círculo interno de relações íntimas (tais como familiares diretos com contato cotidiano, e amigos próximos);
- um círculo intermediário de relações pessoais com menor grau de compromisso (tais como relações sociais ou profissionais com contato pessoal mas sem intimidade, "amizades sociais", e familiares intermediários); e
- um círculo externo de conhecidos e relações ocasionais (tais como conhecidos de escola ou trabalho, bons vizinhos, familiares distantes, ou frequentadores de uma mesma paróquia).

O conjunto dos habitantes desse mapa mínimo (marcados com pontos), ou, melhor dizendo, desses vínculos (marcados com linhas entre dois ou mais pontos), constitui a rede social pessoal do informante.

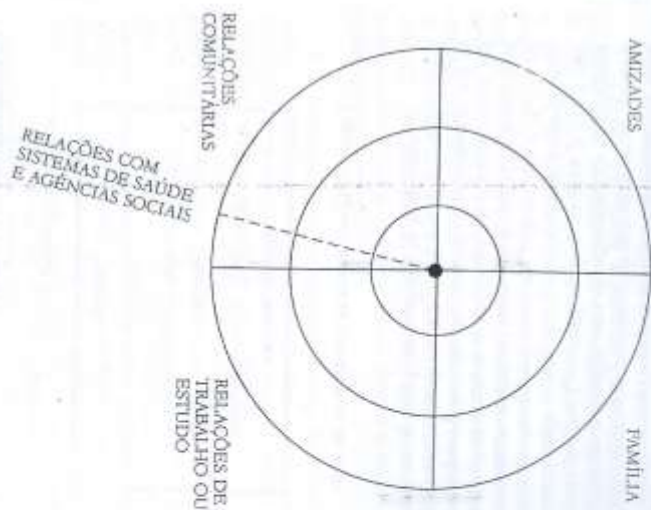


Figura 2: Mapa de rede

Esse mapa construído, sem dúvida, um registro estático do momento a que se refere ou de algum momento do passado reconstruído pelo informante¹.

A fronteira da rede social informal possui, de fato, uma operacionalização mais imprecisa do que a fronteira da família, cujos vínculos se caracterizam por possuir nome ("primo", "tio", etc mesmo "ex-mulher"), isso torna necessário especificar em cada caso, pelo menos com propósitos de investigação, os critérios de inclusão na rede. Por exemplo, quando se avalia a rede social de uma criança, inclui-se todos os colegas de escola? ou somente aqueles com quem também interage fora da escola? Quando se avalia um idoso que vive só, incluímos o jornalista que o chamam por seu nome? Na prática clínica, a fronteira da rede pode ser estabelecida por meio de perguntas destinadas a definir seus integrantes, tais como: "Quem são as pessoas importantes da sua vida?" "Com quem você conversou, ou encontrou, nessa última semana?" "Quando você está com vontade de visitar alguém, para quem você liga?" "Quem é, ou poderia ser, um ombro para você chorar?" "Com quem você se encontra regularmente?" etc.

Fase registro pode ser enriquecido (e às vezes isso, por si só, constitui uma intervenção terapêutica importante) por meio da pergunta "Em que direção você acha que a sua relação com essa pessoa está indo, em direção a um *avivado* da intimidade (para dentro), a uma *relação* da intimidade (para fora), ou *sem mudanças* prévias?" Em função da resposta, pode-se acrescentar ao ponto que indica o indivíduo ou a linha que denota a relação uma flecha que indica a "direção" do movimento da relação com o informante.

¹ Ilustrativamente (1979), em sua dissertação sobre os processos evolutivos da criança desde uma perspectiva histórica, propõe um mapa de rede que segue essa nomenclatura: um círculo interno, microestabilidade, correspondente à família, um círculo externo, microestabilidade, correspondente à rede social pessoal, e círculo intermediário, microestabilidade, correspondente à sociedade, incluindo um círculo externo de microestabilidade, correspondente à sociedade, incluindo os valores da cultura, o poder político e econômico, etc. Cada nível tem um símbolo, o seu nome próprio, embora se veja afetado e possa, por sua vez, afetar os outros.

A rede pode ser avaliada em termos de suas *características estruturais* (propriedades da rede em seu conjunto), das *funções das redes* (tipo predominante de interrelação interpessoal característico de vínculos específicos e da soma ou combinação do conjunto de vínculos) e das *atribuições de cada vínculo* (propriedades específicas de cada relação).

Características estruturais

As *características estruturais* da rede são:

- tamanho
- densidade
- composição (distribuição)
- dispersão
- homogeneidade/heterogeneidade
- tipo de funções

Figura 3. Características estruturais da rede

• *tamanho*: Isto é, número de pessoas na rede. Há indicações de que as redes de tamanho médio são mais efetivas do que as pequenas ou as muito numerosas. As redes mínimas são menos efetivas em situações de sobrecarga ou tensão de longa duração, já que os membros começam a evitar o contato para evitar a sobrecarga ("Cada vez que me encontro com ele, ele se queixa e fica chorando histeria! Não o ligo mais... por isso desligo o telefone fora do gincho!") ou, pelo contrário, tendem a se sobrecarregar (o caso típico é o cônjuge de um paciente idoso com mal de Alzheimer sem muita família em volta, estar tirando em todos os cuidados básicos de uma pessoa total... até incapazáveis, são chamados, com razão, "as vitimas totais").

ocultas da diáspora³). As redes muito numerosas, por sua vez, correm o risco da inefetividade baseada na suposição de que "alguém já deve estar cuidando do problema". Fatores que afetam o tamanho da rede incluem as migrações e relocalizações (que reduzem dramaticamente o tamanho, quando não o acesso, da rede), e o passar do tempo (a rede social das pessoas idosas se reduz por desgaste, elegante eufemismo para "enfraquecimento ou morte de seus habitantes", e por falta de acesso a renovação – cf. capítulo 6).

- *densidade*: ou seja, conexão entre membros independentemente do informante (meus amigos que são amigos entre si; parentes próximos que são, por sua vez, intimos entre si, etc.); um nível de densidade médio favorece a máxima efetividade do grupo ao permitir o contornamento de impressões ("Estou achando a depressão. O que você acha?"); uma rede com nível de densidade muito alta favorece a conformidade em seus membros – pressão para a adaptação do indivíduo às regras do grupo – e, se o desvio individual persistir, favorece sua exclusão da rede, tendo, por isso, mais inércia e um nível de efetividade mais baixo; um nível de densidade muito baixo reduz a efetividade pela falta do efeito potencializador do contornamento; contudo, a avaliação da dimensão "densidade" deve ser complementada por análises mais qualitativas, tais como detectar a presença de subsistemas coerentes ou conjuntos ("clusters") na rede (que possuem em geral maior poder e influência) e sua relação com o indivíduo.

- *composição ou distribuição*: significa que proporcão do total de membros da rede está localizada em cada quadrante e cada círculo; as redes muito localizadas são menos flexíveis e efetivas e geram menos opções do que as redes de distribuição mais ampla; isso se aplica tanto a distribuição em quadrantes como em círculos; assim, existem pessoas cuja rede significativa se centra na "família", da qual dois membros (por exemplo, uma irmã e o marido) se localizam no círculo interno e o resto no círculo intermediário, coisa que torna a informante muito dependente dessas duas pessoas centrais, e da família em geral; contudo, deve-se lembrar também que as redes muito amplas

mas homogêneas (tal como o caso das seitas ou cultos fanáticos) mostram mais inércia e, portanto, menos capacidade de reagir.

- *allegria*: quer dizer, a distância geográfica entre os membros, o que, obviamente, afeta tanto a sensibilidade da rede às variações do indivíduo quanto a efetiva e velocidade de resposta às situações de crise. Outros autores preferem definir essa variável como *acessibilidade*, isto é, facilidade de acesso ou contato para gerar comportamentos idênticos. A utilização da distância geográfica para avaliar essa variável está em processo de revisão constante, graças a progressos recentes tais como as redes de computadores do tipo Internet, que geram novas possibilidades de acesso a redes internas, altamente reativas, e potencialmente sensíveis.

- a *homogeneidade* ou *heterogeneidade* demográfica e sócio-cultural, ou seja, segundo idade, sexo, cultura e nível socio-econômico, com variações e inconvenientes em termos de identidade, reconhecimento de sinais de stress, ativação e utilização. Essa variável orienta o clínico a respeito de tensões potenciais entre sub-redes com diferenças culturais ou sócio-econômicas, tal como se vê na rede de casais de diferente base étnico/cultural, ou diferente *status* educacional ou social. Também possui importantes repercussões epidemiológicas relacionadas, por exemplo, com as práticas sexuais, e por conseguinte, com a penetrabilidade e dispersão do vírus da AIDS. Assim, nos Estados Unidos, 90% dos encontros sexuais ocorrem entre pessoas do mesmo grupo étnico (não necessariamente da mesma religião) e do mesmo nível educacional (Laumann et al., 1994). Isso indica que a população em geral está dividida em muitas subpopulações com acesso social e sexual relativamente restrito, o que implica que a migração do vírus (e de outras infecções transmitidas sexualmente) através de diversos estratos sociais é lenta, e essa passagem requer "intermediadores" intocados contactados com várias subpopulações.

- os atributos de *vínculos epifanicos*, tais como a intensidade ou tropismo, ou seja, compromisso e intensidade da relação, durabilidade, história em comum; e
- o tipo de funções desempenhadas por cada vínculo e pelo conjunto, o que será discutido em seguida.

Funções da rede

O tipo predominante de intercâmbio interpessoal entre os membros da rede determina as chamadas *funções da rede*. Uma história discreta dessas funções inclui:



Figura 4: Funções da rede

- *companhia social*: refere-se à realização de atividades conjuntas ou simplesmente o estar juntos, certas reações de luto extremo de indivíduos, em consequência da morte de um cônjuge com quem "falavam pouco e tinham poucos interesses em comum", estão ligadas à perda da companhia social dessa pessoa com quem, simplesmente, compartilhavam a rotina cotidiana;

"VITÉ ACQU E BASTA": UM EXEMPLO DE COMPANHIA SOCIAL

Quando perguntei, há pouco tempo, a Juana, que foi minha babá e que atualmente se aferece em de seus 80 anos, o que tinha em comum com um amigo dela com quem se reunia com bastante frequência desde alguns anos, ela me respondeu: "Tava de se-lá. E não foi por menos. Olha lá que amizade, começou a me dar conselhos do que fazer com meu apartamento! Quem tá lá sabe que é? Tudo bom que a gente não tenha as renúncias para dar uma volta, tomar um chá, ir ao cinema, mas isso não dá para o direito de me dizer o que fazer!"

Este comentário estabelece claramente que esse vínculo foi adquirido por Juana como resultado das trocas e privilegiadas da "companhia social", e definitivamente não de "guia regulativo e de conselhos", e que de alguma maneira essa restrição não foi discriminada de modo tão rígido por essa boa senhora, que foi espelho da rede em consideração.

- *apoio emocional*: refere-se a intercâmbios que constroem uma atitude emocional positiva, clima de compreensão, simpatia, empatia, estímulo e apoio; é o poder contar com a ressonância emocional e a boa vontade do outro; é o tipo de função característica das amizades íntimas e das relações familiares próximas com um baixo nível de ambivalência para substituir a diferença entre essa função e a anterior, alguns autores diferenciam entre "interatores frequentes" e "relações de intimidade", (alguns companheiros de trabalho, por exemplo, podem ser interatores frequentes mas não íntimos, alguns familiares próximos podem ser tanto interatores frequentes quanto íntimos, etc.);

"UM RAIO DE LUZ NA ESCURIDÃO": UM EXEMPLO QUASE PURO DE APOIO EMOCIONAL

Um amigo querido que passou três semanas de terror "desesperado" após a morte de uma filha há alguns anos, encontrou amigos emocionados que simplesmente tinham sido para ele a presença

de nos dois cantos eiros (que se conhece pela voz, já que se pertenciam e estavam o tempo todo compartilhados e com os olhos vendados) que, por alguma ou nenhuma razão, se compartilhava por de, porquê-lhe, por exemplo, um cantor para se cobrir quando, já que tirando no lado da sala, ressonando-lhe em voz baixa técnica para reduzir a dor durante as sessões de terapia, e outros atos caridosos de ajuda mútua. Para mim amigo, esta voz e esta presença constituiram uma ponte de humanidade entre mimso desumano, e estes atos foram cruciais não só por seu valor "prático" mas, fundamentalmente, por seu valor emocional nestes contextos terríveis.

- *guia cognitivo e de modelos, ou seja, interações destinadas a compartilhar informações pessoais ou sociais, esclarecer expectativas e proporcionar modelos de papéis;*

- *regulação (ou controle) social, ou seja, interações que lembram e reafirmam responsabilidades e papéis, neutralizam os desvios de comportamento que se afastam das expectativas coletivas, permitem uma dissipação da frustração e da violência, e favorecem a resolução de conflitos. Muitos dos ritos e rituais sociais agem como lembrete dessas restrições.*

"ME, SEGURA SENÃO BATO NELLE". UM EXEMPLO DE REGULAÇÃO SOCIAL

Tomando café de manhã cedo com um amigo e colega, na cozinha de uma destas lindas pequenas praças de Barcelona rodeada de edifícios, fomos testemunhas e participantes de uma situação inusitada para nós: uma briga acalorada entre uma prostituta e seu cliente, ambos bebendo ou drogados. Começou com os dois sentados num banco da praça, ele bebendo uma garrafa de uísque ou licor. Ela lhe pediu instancamente que lhe passasse a garrafa (sem jeito brusco nem firme) foi o que começou a ocorrer a categoria política, ele continua bebendo serenamente, ela lhe dá um tapa, e ele deu um tapa nela que a deixou caída no chão, onde ficou imóvel por uns dez segundos, enquanto ela, sempre sentada neste banco da praça, continuava bebendo com indiferença. Ela se levantou, apertou-lhe um golpe na nuca, por trás, e depois saiu correndo. Ela não saiu atrás dela e lhe passou uma

restrição cartiva que a levou momentaneamente ao chão – o resto dela já morrendo pela paralisão enquanto ele voltava ao banco. Ela ficou totalmente imóvel no chão por uns dez segundos, depois se levantou, correu até o banco, apertou a garrafa que estava ao lado dele e a passou na cabeça dele, para depois sair correndo outra vez. Ela se levantou, entrou mais uma vez atrás dele, passou-lhe outra restrição que a levou novamente ao chão e lhe acertou um pau de pontapé enquanto ela jogava o uísque. Tudo isso ocorreu com uma alternância de períodos de violência silenciosa e de lamentos aos gritos, predominantemente por parte dela.

Costaria de acreditar o comportamento de algumas pessoas de testemunhas deste evento, incluindo os dois. Os que assistiam fascinavam como um sistema humanizado de duplo nível. Por um lado, a aparente força e o nível de intervenção dos protagonistas promoviam um efeito inverso: via melhor se manter a uma distância distante para evitar tocar-se um dos atos de sua violência (utilizando um "Quem teve a erva que é para...?"). Por outro lado, a responsabilidade recaía nos atos a serem oferecidos em atos de violência para com o próximo, ainda mais quando a violência ocorre até categorias diferentes realmente possíveis. Isto implicou a presença e se aproximou para se incorporar entre os atos principais (além das interações com voz, até os diversos papéis que apareceram nos tempos, arruadas pelo cliente, para chamar a polícia). Assim, algumas momentos da briga em que a violência arrojada, o grupo de espectadores, que se manteve a uma prudente distância mas capazes de grande se de distância, reagia sua distância ao casal, notes que tinha o efeito claro de gerar uma massa de testemunhas que, pela sua mera presença agiu como por outras evidências, exclusivas e excluídas da violência. Era multi-partida, mais distância do centro da ação aumentava naturalmente quando ocorriam os intervalos entre os episódios de violência. Este corpo de bule com movimentos coordenados de aproximação e distância se desdobrou no momento em que aparecer a gata da café (ela estava, então, sentada no chão e ele momentaneamente no banco, ambos sangrando) para se transformar em pequenos grupos que ficaram comentando tranquilamente do evento.

Outro exemplo igualmente gráfico de controle social constitui uma prática característica das seitas, ou seja, a de não

permitir que nenhum de seus recém-conversíveis tenham um encontro com familiares ou amigos. "De antes da conversão", a menos que o contato se dê numa das sedes do culto e com a presença obrigatória de um representante sábio da seita que "o protegia das contaminações e dos riscos do contato com essa gente". Habitualmente, esse representante opera com poder de veto, outorgado como prova de sua boa fé, pelo novo membro recrutado (Singer, 1995).

Um terceiro exemplo, dessa vez "pelo negativo" (isto é, em que o típico é a ausência de rede social e, portanto, de controle social), é fornecido pelas famílias nas quais ocorre incesto ou violência. Uma de suas características mais evidentes é de que se mantêm consistentemente isoladas de toda rede social, ou seja, sem estabelecer ou aceitar contato com pessoas que vivem na vizinhança, e mantendo-se a uma distância geográfica e emocional de suas famílias de origem, com pouca atividade social e poucas visitas. A rigidez de fronteiras e a pobreza da rede, seu fracionamento e sua baixa densidade reduzem ao mínimo as pressões exógenas no grupo. Isso reduz, por sua vez, a pressão para a manutenção das normas sociais, já que o olho do próximo contribui para controlar ou questionar os comportamentos desviados. Além disso, o isolamento social acaba por gerar as condições que favorecem precisamente nos comportamentos desviados: a falta de qualquer outro contato social nutritivo transforma a família nuclear num sistema fechado auto-suficiente e sem opções, o que favorece o incesto assim como a violência. Um fenômeno similar costuma ocorrer também nas famílias nas quais o uso do álcool e das drogas é constante.

• *ajuda material e de serviços: quer dizer, colaboração específica com base em conhecimentos de especialistas ou ajuda física, incluindo os serviços de saúde. De fato, os terapeutas e outros agentes de saúde mental costumam constituir um componente importante da rede de muitos pacientes psiquiátricos crônicos (o que será ilustrado mais abaixo com o exemplo clínico "Não há nada como o lar" do capítulo 3); e*

• *acesso a amigos residentes, ou seja, a abertura de portas para a conexão com pessoas e redes que até então não faziam parte da rede social do indivíduo; esse é potencialmente um atributo de qualquer rede, mas aparece como traço importante apenas em algumas.*

Cada vínculo da rede pode desempenhar muitas dessas funções. Assim, talvez você tenha um amigo com quem não compartilhe suas intimidades, mas que é perfeita como acompanhante quando você está doente - constitui um interlocutor adequado para conversas leves, enquanto arruma um pouco seu quarto de dormir (compartilha social e ajuda material). Em contrapartida, uma amiga íntima é seu longo para enxugar as lágrimas das dores da alma (apoio emocional), mas não para as misérias do corpo - as quais não consegue entender porque ela nunca adoeceu; contudo, é ela que convidou você para seu círculo de leitura, que inclui seis mulheres que você não conhece e que estão se transformando em boas amigas (acesso a novos contatos). E, quando você entra no seu local de trabalho, o cumprimento deferente do recepcionista (também de quem você é desde o ponto de vista do papel social (regulação social), mesmo se essa mesma pessoa pode lhe dar conselhos quanto a um problema do seu carro (ajuda material), ou lhe pedir que escreva uma recomendação para um outro trabalho (também ajuda material, mas na outra direção).

Naturalmente, as relações íntimas familiares e de amizade costumam abarcar simultaneamente um número importante de funções: muitas das quais, por sua riqueza, complexidade ou idiossincrasia, transcendem as especificidades dessa listagem.

AS TITESTIMUNHAS: UMA EXPERIÊNCIA PESSOAL

"Partiu da morte de meu pai, meu acidente, durante minha adolescência, meu até mesmo adoecimento, sem que eu por isso me doeu muito. Minha família costumava ser importante para mim, que até então fora coberto abundantemente por meu pai, que talvez por um defeito cada vez que eu falasse não exerce na minha vida e, mais tarde, que apresentava muitos potenciais conflitos e problemas

meus primeiros artigos, mas até era o primeiro a saí-la. E não porque eu carecesse de uma ampla rede. Pelo contrário, graças de uma família extensa, amigável e presente, e de um círculo conjunto de amigos e companhias. Contudo, meu impulso era sempre de me apressar para compartilhar com eles, que me faziam calorosamente e, no caso das confraternizações e artigos, da a lida e comentada comigo histórias de sua vida pertencentes ao tema. Contudo, quando chegou um ano muito ansioso, meu até então sabidamente a se retirar e dedicar mais atenção a colocar em ordem suas próprias lembranças e conclusões de suas vidas íntimas e ricas, decidindo de prestar atenção a eventos menores tais como meus pequenos sucessos. Pouco tempo depois, notei que eu havia deixado de lhe passar os artigos e fazer comentários com ele e que, pelo contrário, parecia mais interessado nos artigos e comentários de um de meus filhos, um profissional intelectualmente rigoroso e inquieto, que acabava lendo todos os separados de artigos e cópias de confraternizações que eu pudesse enviar. Embora fosse professor de genética e chefe do gênero, nos comentários sempre me pareciam interessantes, pertinentes (apesar da ausência de notas disciplinares) e bem-vistos. Sua morte realmente pareceu ser devastadora para mim, não só porque gostava dele, mas porque seu desaparecimento me privou de quem acabou sendo o último de seu forte transgressional de episódios cadaveriais e generosos que tinham continuidade para uma espécie de história evolutiva de eu-ou-minha, ou seja, me confrontou com a realidade de que essa função, que eu poderia chamar de "a testemunha", dependia por meus pais, depois por meu avô, e finalmente por ele, não teria nenhum outro ocupante externo, que não estivesse em sua própria linha testemunha.

Devia ficar claro que a que acabou de descrever é o produto de um processo reestruturado que tem como ponto de partida meu esforço para entender a intensidade de minha reação de dor ante a morte de meu pai, e não de um plano concebido de despojar a história de fatos e detalhes da minha vida. Em outras palavras, até essa morte eu não me lembro de ter um habitante de minha rede era "a testemunha", nem que essa função seja transferível para quem possa descer de lá-la. Contudo, pode-se dizer que, em a gerar e mediá-la, não é que a contraparte, não é, meu pai, mas até e meu tio, sejam outro tanto. Essa função não foi compartilhada por nenhum dos outros pais significativos de minha rede, embora queridos, familiares, presentes, nem mesmo, deve confraternizações

de minha avó, por nenhum de meus outros parentais. Recordo-me, pelo contrário, essa função altamente especializada, profundamente genética, e perdida para sempre (ou, talvez, intermitentemente) a partir do morte do último de seu representante.

Como não de repente dessa reminiscência, pergunto-me embora me tenha sido possível detectar – ou talvez construir retrospectivamente – essa função, quantas outras funções, ou papéis, ou funções especializadas, fazem parte anterior de meu ser social, funções que continuam ativas – passando de pessoa para pessoa – ou se desvaneceram em seu tempo, com a extinção de seu depositário ou de minha necessidade dela?

As funções dos vínculos se utilizam a partir de sua extinção bem sucedida ("a prova do tempo"). Contudo, certos eventos específicos podem transferir relações com funções multifuncionais em vínculos que simbolizam uma função ou mesmo uma lembrança específica.

MATANDO O MENSAJEIRO: UMA REMINISCÊNCIA PESSOAL

Rareza não dá um telômetro de um colega patológico que já concluiu há alguns anos. Depois de me lembrar que atenda Mark, um médico psiquiatra amigo meu, comovido, depois de uma série de perguntas, que traxera um telômetro de um dermatologista de triagem, informando-o que acabara de confirmar diagnóstico patologicamente o diagnóstico de um câncer testicular de mau prognóstico em Mark. Por que esse telômetro? Porque meu amigo não tinha família na região onde vivamos, e a dermatologista pensou que seria melhor que fosse o patologista quem transmitisse essa informação ao seu paciente, um ato muito difícil tendo o prognóstico desfavorável deste tipo de câncer, fato que não escaparia ao conhecimento de Mark. E para que estava falando comigo o patologista? Para passar a bola para quem, por algum tempo, e talvez me que fosse em quem transmitisse a informação a Mark, através de seu argumento seu desejo de poder preservar o espaço terapêutico ante ele e porque sabia que eu era um amigo que Mark respeitava

companhia social procurada e **além disso** é um bom ombro para chorar e fonte de conselhos, ao passo que essa outra é fantasista para atividades sociais mas impossível como conselheira, ou vice-versa (o exemplo "Ade aqui e basta", apresentado acima, também ilustra a versatilidade ou, nesse caso, a falta de versatilidade num vínculo!).

- a *regressividade*, ou seja, se você desempenha para essa pessoa o mesmo tipo de funções, ou funções equivalentes às que essa pessoa desempenha para você, ou não; esse atributo também é conhecido como "simetria-assimetria". Por exemplo, as relações entre pais e filhos são decididamente não recíprocas durante as primeiras décadas da vida dos filhos (salvo no caso de emergências ou de filhos parentificados), mas na maioria dos casos se transformam em simétricas e, subsequentemente, se os pais se transformam em idosos fragilizados, a relação se torna complementar "na outra direção".

- a *intensidade* ou o compromisso da relação, ou seja, o tropismo ou atração entre os membros; essa variável pode ser definida também como "grau de intimidade".

- a *fragilidade dos vínculos*; a esse respeito, vale notar que quanto maior a distância, maior a necessidade de manutenção ativa do contato para manter a intensidade; ao mesmo tempo, muitos vínculos intensos podem ser reativados rapidamente mesmo depois de uma queda de contato importante; e

- a *história* da relação, isto é, desde quando se conhecem e qual é a experiência prévia de atração do vínculo.

Tal como já foi sublinhado e exemplificado, essas variáveis são interdependentes entre si. Por exemplo, uma relação com muita história em comum mantém intensidade mesmo se os contatos não forem muito frequentes. A estabilidade e confiabilidade do vínculo, portanto, resultam de uma combinação de funções.

Vale sublinhar, considerando seu peso substancial como determinantes de saúde e doença, que as variáveis de rede adquirem relevância clínica ainda maior nesses tempos em que algum companheiro ou em família, mas só:

- existe menos pressão social no sentido de uma participação em atividades sociais informais e formais (clubes, atividades religiosas e em outras organizações voluntárias);

- um maior número de casais decidem não ter filhos ou têm filhos adultos que vivem longe;

- um número cada vez maior de indivíduos, casais e famílias emigram ou mudam de área de residência recorrentemente no curso da vida; e, em termos gerais;

- existe uma redução das atividades tribais com a família extensa.